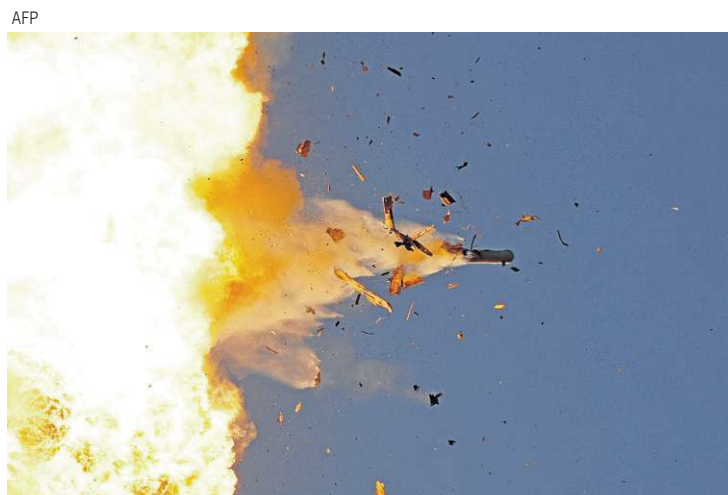




DEFESA

Explosões em cadeia e quase simultâneas de pagers e de walkie-talkies da milícia xiita Hezbollah chocaram o planeta e iniciaram uma nova forma de conflito bélico. Especialistas avaliam vantagens e riscos do uso de táticas modernas no front



Destroços de pagers destruídos durante o atentado sem precedentes no Líbano (E); drone do Hezbollah é interceptado por míssil de Israel (C); aeronave não tripulada da Ucrânia atinge prédio em Moscou (D)

Guerra tecnológica

» RODRIGO CRAVEIRO

Uma explosão de pagers, de walkie-talkies, de placas de energia solar e de dispositivos de biometria usados pela milícia xiita Hezbollah, no Líbano, chocou o planeta. O ataque sem precedentes, provavelmente obra do serviço secreto israelense Mossad, matou, pelo menos, 45 pessoas e feriu quase 3 mil — 500 militantes do grupo perderam um ou dois olhos. Além do número impressionante de vítimas, o atentado fez com que a rede de comunicações do Hezbollah entrasse em colapso. Nos ataques de 17 e 18 de setembro, Israel não disparou um míssil ou um tiro sequer. Na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, drones (aeronaves não tripuladas) são cada vez mais utilizados para coletar informações e destruir o inimigo.

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, o iraquiano-americano Alon Ben-Meir admitiu ao **Correio** que, na guerra moderna, a tecnologia desempenhará um papel cada vez mais importante. Ele acrescentou que, nesse sentido, Israel se mostra na vanguarda. “Nem é preciso dizer que, para aproveitar ao máximo qualquer ferramenta militar tecnológica, os militares precisam do apoio total da comunidade de inteligência para identificar onde e como usar essas tecnologias sensíveis. O serviço secreto israelense Mossad é considerado um dos mais sofisticados do mundo e é inigualável em sua capacidade de executar qualquer missão com precisão e eficiência”, ressaltou.

Ben-Meir lembrou que, antes dos ataques de terça-feira e quarta-feira, o líder do Hezbollah, xeque Hassan Nasrallah, alertou os membros do movimento xiita a não usarem celular para se comunicarem. “Ele sabia o risco de Israel espionar as comunicações. Agora, advertiu seus seguidores a não utilizarem esses e outros dispositivos com o medo de que também explodam.”

Tito Lívio Barcellos Pereira — geógrafo pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em relações internacionais pelo Instituto San Tiago Dantas — explicou ao **Correio** que a tecnologia sempre foi vista como instrumento de poder que acaba conferindo vantagens da força militar em relação ao oponente. “Isso é algo histórico. Desde o advento do arco e flecha até o surgimento dos drones suicidas, existe um esforço constante de buscar novas soluções para assegurar a supremacia no campo de batalha. Hoje, temos uma indústria e uma

Rabih Daher/AFP



Soldados libaneses fazem explosão controlada em pager encontrado no sul do país, entre os vilarejos de Burj al Muluk e Klayaa

ciência que se coloca a serviço da guerra e dos interesses de Estado e, obviamente, busca capacitar a projeção de força desse Estado”, afirmou.

Para o professor da USP, uma das vantagens da tecnologia de informática na guerra é facilitar a comunicação entre diferentes tipos de tropas no front. “O fenômeno das armas combinadas se intensificou nas últimas décadas. Hoje, estamos entrando na quinta geração das comunicações, a ‘internet das coisas’. Isso permitiu a popularização dos sistemas de armas remotos, os quais podem ser controlados por um operador a distância ou manipulados por técnicas de inteligência artificial e mecatrônica”, disse Tito Pereira. Ele observa que atores menores buscam alternativas para não dependerem de comunicações sofisticadas, passíveis de serem rastreadas, e cita a aquisição de meios de comunicação mais rudimentares pelo Hezbollah.

A tecnologia, segundo Tito Pereira, permite aos decisores visualizarem um retrato em tempo real do campo de batalha e monitorarem o inimigo. “Os drones não servem somente para funções de ataque, como os ‘suicidas’ e aqueles que carregam mísseis antitanques. Uma

das primeiras funções deles é fazer a observação à distância do front, com câmeras de altíssima resolução, que podem aproximar a imagem até centenas de milhares de vezes”, acrescentou. Ele cita também o papel da cibernética na guerra — o uso de meios virtuais para interferir nas comunicações civis e militares do inimigo. Entre as desvantagens da guerra tecnológica, o professor vê uma vulnerabilidade ante interferências do inimigo. “Se houver uma interrupção no fluxo de dados, as capacidades bélicas ficam comprometidas.”

Tendências

De acordo com Braden Allenby, professor de engenharia sustentável e de engenharia e ética na Universidade Estadual do Arizona, existem duas tendências de longo prazo que os ataques sem precedentes no Líbano destacam. “Transformar em armas cadeias de suprimento civis, como Israel parece ter feito, continua a decadência acelerada entre as esferas militares e civis. Outro exemplo é o uso da Starlink, rede de comunicações espaciais civis, por parte das forças ucranianas,

e o direcionamento de infraestrutura civil americana por entidades cibernéticas norte-coreanas, iranianas, chinesas e russas, incluindo organizações criminosas quase estatais. O resultado é que todas as infraestruturas e instituições civis, incluindo empresas privadas, estão se tornando participantes críticas em grandes conflitos e alvos militares potencialmente aceitáveis”, advertiu ao **Correio**.

A segunda tendência, para Allenby, é o fato de as leis tradicionais que regem a guerra se tornarem cada vez mais obsoletas ou disfuncionais. “Como o propósito do direito humanitário internacional ou das leis de conflito armado é reduzir o impacto da guerra sobre os civis, extrapolar leis, práticas e normas atuais traz riscos substanciais. Há muitos fatores contribuintes que apoiam essa tendência, mas armar cadeias de suprimentos civis, como parece ter acontecido no Líbano, certamente contribuiu.” O professor de Arizona destacou que nenhuma dessas tendências parece reversível. “Sob essa luz, os eventos no Líbano, embora tecnicamente impressionantes, não são atípicos, mas parte de uma evolução do conflito humano que a comunidade mundial ainda não entende.”

Eu acho...



“Estamos entrando na era do conflito civilizacional, em que a guerra está sendo redefinida. Parte disso envolverá tecnologias específicas, como drones, que atuam em campos de batalha relativamente tradicionais; outra parte, backdoors ocultos em sistemas de software de infraestruturas civis, diferentes das tecnologias militares tradicionais. Algumas tecnologias, como a inteligência artificial, são revolucionárias e serão inevitavelmente aplicadas a atividades militares. Há um aprofundamento da complexidade e da expansão do escopo do conflito.”

Braden Allenby, professor de engenharia da Universidade Estadual do Arizona



“A tecnologia militar e de espionagem de Israel tem sido uma das mais inovadoras do mundo. Uma companhia israelense de armas cibernéticas desenvolveu o spyware Pegasus, capaz de remotamente infiltrar em dispositivos eletrônicos. Acredita-se que Israel tenha desenvolvido, com os EUA, o vírus Stuxnet, usado para desabilitar e destruir partes das centrifugas iranianas, dificultando o programa de armas nucleares. A tecnologia será usada extensivamente em guerras.”

Alon Ben-Meir, professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio

Preocupação com Oriente Médio

Em meio ao aumento de hostilidades entre Israel e o Hezbollah, no Líbano, líderes mundiais expressaram temor de que o Oriente Médio seja envolvido em uma guerra geral. Ontem, o presidente norte-americano, Joe Biden, disse estar preocupado com a escalada na tensão regional. “Faremos o possível para evitar o início de uma guerra mais ampla”, garantiu. A Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que há risco de uma “outra Gaza”, em referência ao conflito que já dura quase um ano na Faixa de Gaza.

Desde o ataque do Hamas a Israel, em 7 de outubro, os combatentes do Hezbollah, no Líbano, lançam ofensivas na fronteira do país vizinho. Nas últimas semanas, houve intensificação dos conflitos, com

o auge na sexta-feira, quando o Exército Israelense atacou os subúrbios de Beirute e matou, ao menos, 16 integrantes do grupo armado, incluindo dois comandantes militares. Ontem, o Ministério da Saúde libanês disse que o número de mortos, incluindo civis, subiu para 45.

Nova fase

No fim de semana, Israel e Hezbollah trocaram intensos disparos, levantando o temor de uma guerra total. O número dois do grupo libanês, Naim Qassem, declarou ontem que o movimento entrou em uma “nova fase” em sua batalha contra Israel, e disse que está “preparado para todos os cenários militares”.

O primeiro-ministro israelense,

Benjamin Netanyahu, por sua vez, prometeu em um pronunciamento na televisão que continuará atacando o Hezbollah. Ele destacou que Israel atingiu o grupo “de uma forma que eles nunca imaginariam” e garantiu que fará tudo para garantir a segurança da fronteira. “Se o Hezbollah não entendeu a mensagem, prometo que entenderá.”

Em entrevista à rede ABC, o porta-voz da Casa Branca, John Kirby, alertou que uma intensificação da ofensiva na região não é a melhor escolha para Israel. “Não acreditamos que uma escalada desse conflito militar seja o melhor, isso é o que dizemos a nossas contrapartes israelenses.” Ele destacou que o governo norte-americano ainda acredita que “pode haver tempo e espaço para uma solução diplomática”.

Região

Para o chanceler do Egito, à medida que os combates entre Israel e o Hezbollah se intensificam no Líbano, o Oriente Médio caminha para uma “guerra regional total”. Às vésperas da Assembleia Geral da ONU, Badr Abdelaty afirmou à agência France-Press que a escalada bélica prejudica também os esforços por um cessar-fogo na Faixa de Gaza.

“Existe uma grande preocupação com a possibilidade de uma escalada que leve a uma guerra regional total”, disse o chanceler. “Mas o Egito, juntamente com o Catar e os Estados Unidos, têm a total determinação e o compromisso de prosseguir com os esforços para obter um acordo”, afirmou. De acordo com ele, o “problema é a falta de vontade política do lado israelense”.

Catar, Egito e Estados Unidos

buscam há meses um acordo de cessar-fogo e a libertação dos reféns israelenses em poder do Hamas na Faixa de Gaza, o que, segundo os diplomatas, ajudaria a reduzir a tensão regional. “Todos os componentes do acordo estão prontos”, disse Abdelaty.

Ontem, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, declarou à rede CNN que está preocupado com a escalada na tensão regional. Ele também afirmou que tem dúvidas sobre as chances de um cessar-fogo na Faixa de Gaza entre Israel e Hamas após quase um ano de guerra. “Para mim, está claro que ambas as partes não estão interessadas em um cessar-fogo. E isso é uma tragédia, porque essa é uma guerra que deve terminar.”

Mais cedo, a coordenadora especial da ONU para o Líbano, Jeanine Hennis-Plasschaert, também se manifestou. “A região está à beira de uma catástrofe iminente.”